

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TRÊS VEZES JOAN BENNETT
21 e 23 de junho de 2023

FATHER'S LITTLE DIVIDEND / 1951

(*O Pai é Avô*)

um filme de Vincente Minnelli

Realização: Vincente Minnelli / **Argumento:** Frances Goodrich e Albert Hackett, com base nas personagens criadas por Edward Streeter / **Fotografia:** John Alton / **Montagem:** Ferris Webster / **Direcção Artística:** Cedric Gibbons e Leonid Vasian / **Cenários:** Edwin B. Willis e Keogh Gleason / **Música:** Albert Sendrey / **Guarda-Roupa:** Helen Rose / **Interpretação:** Spencer Tracy (Stanley Banks), Joan Bennett (Ellie Banks), Elizabeth Taylor (Kay), Don Taylor (Buckley), Billie Burke (Doris Dunstan), Moroni Olsen (Herbert Dunstan), Richard Rober (polícia), Marietta Canty (Delilah), Rusty Tawhlin (Tomy), Tom Irish, (Ben), Hayden Rorke (médico), Paul Hervey (padre), etc.

Produção: Pandro S. Berman para Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** digital (DCP), preto e branco, versão original falada em inglês, com legendagem eletrónica em português, 78 minutos / **Estreia em Portugal:** 1 de Novembro de 1951, no cinema São Jorge.

Father's Little Dividend é a continuação de **Father of the Bride** (1950). Mantém o mesmo elenco, que a Metro tinha sob contrato, e o mesmo realizador, mas o entusiasmo da parte de Minnelli e Spencer Tracy já não foi o mesmo. Isto não se reflecte no filme, que é perfeitamente encantador, mas é compreensível que Minnelli, depois de **An American in Paris**, não estivesse muito interessado em voltar aos problemas corriqueiros da família modelo da classe média americana. Desinteresse que é impossível ao cinéfilo, quando a família é constituída por Tracy, Joan Bennett e uma fulgurante Elizabeth Taylor, cuja actuação neste filme aponta já para o seu futuro estatuto de actriz "fetiche" do cinema americano dos anos cinquenta (juntamente com Marilyn Monroe, claro está).

À semelhança do filme anterior, **Father's Little Dividend** concentra a sua narrativa num "flash-back" iniciado por Spencer Tracy a interpelar directamente os espectadores. Mais uma vez, Tracy é a vítima da confusão provocada pelas mulheres da sua família, corporizando, como é habitual, a misoginia que é um substrato tão forte da sua *persona* cinematográfica. "Man is a very sensitive and delicate mechanism" diz Tracy no início do filme, referindo-se à independência masculina que é tão precária num esquema social em que são as mulheres, afinal de contas, a mandar - como sucede na classe média americana de que a família Banks é o paradigma idealizado. O crescimento, casamento e maternidade de Kay (Elizabeth Taylor) são experimentados por Stanley Banks como uma espécie de conspiração contra a sua autonomia enquanto homem, impossibilitado, cada vez mais, de "subir o Everest", a idealização altamente improvável que ele imagina da vida despreocupada do macho solteiro. São as mulheres que obrigam o homem a ser mediano, a envelhecer, a perder o gosto pela vida: eis a cintilante mensagem que a personagem absurda de Tracy veicula neste filme. Ao princípio, isto ainda é sublinhado pela rivalidade atavística entre os machos da mesma espécie: é o genro que tem culpa de tudo... até, na sequência em que Kay sai de casa do marido, o genro se torna também uma vítima

da incompreensão feminina, da futilidade e falta de inteligência que não vê que ele é um santo, um mártir, que trabalha até se consumir como homem para conseguir dinheiro para a mulher e para o bebé. Sogro e genro aliam-se, e quando o filho de Kay nasce, temos de novo o mesmo padrão. Animosidade entre o avô e o neto, até o terror que Stanley sente da mulher e da filha operarem a graça de ele gostar, finalmente, do novo Stanley Banks, extensão da sua própria masculinidade.

Em termos de ideário, portanto, **Father's Little Dividend** é um bom candidato à fogueira feminista. Disfarçada, a guerra dos sexos já estava ganha, em Hollywood, desde o início da década de quarenta, quando a Katharine Hepburn de **Bringing Up Baby** (1940) foi transformada na sua nova versão, que aparece em **Philadelphia Story** (1940) e, depois, de modo muito mais preocupante, em **Woman of the Year** (1940), onde é Tracy quem opera a subjugação final da fera (o título português de **Bringing Up Baby - As Duas Feras** - é, involuntariamente talvez, muito significativo: mulher e homem em pé de igualdade, ao mesmo tempo que designa os dois leopardos diferentes que aparecem no filme: um é amansado; o outro, não. E o amansado é Cary Grant).

Apesar disto, no entanto, **Father's Little Dividend** é uma comédia deliciosa, como não podia deixar de ser com tais actores dirigidos por um tal realizador. No papel da mãe, Joan Bennett surpreende-nos mais uma vez na sua decisão, de só representar mulheres mais maduras (mesmo nesta linha, o que ela não poderia ter feito com Minnelli! Um melodrama imortal, certamente). Parece irmã de Taylor e filha de Billie Burke: que pena uma cara como aquelas e uma voz tão carregada de electricidade se terem desperdiçado nestes papéis de senhora severamente burguesa, sobretudo num filme em que vemos tão pouco dela! Taylor está deslumbrante, como sempre, e as sequências em que Ray tem uma crise de nervos (por causa da intromissão dos pais e dos sogros na sua vida) e deixa o marido, são momentos para colecionarmos no nosso álbum particular da actriz, cujo nome, aura, etc. se confundem com a própria ideia de cinema. Vincente Minnelli, Joan Bennett e Elizabeth Taylor: três bons pretextos para vermos **Father's Little Dividend**.

Frederico Lourenço